

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

R

15

NOS CENTENÁRIOS
DE GÖRRES E DA
GÖRRESGESELLSCHAFT

Separata de

ITINERARIUM

ANO XXIII – N.ºs 96-97

1977

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

NOS CENTENÁRIOS
DE GÖRRES E DA
GÖRRESGESELLSCHAFT

Separata de

ITINERARIUM

ANO XXIII — N.ºs 96-97

1977

NOS CENTENÁRIOS DE GÖRRES E DA GÖRRESGESELLSCHAFT

1 — Dados biográficos

A 25 de Janeiro de 1776 nasceu em Coblença o insigne teólogo, Johann Joseph Görres, notável escritor e enciclopedista e uma das mais relevantes personalidades do «movimento católico alemão» do séc. XIX.

A figura de Görres projectou-se, contudo, para além do século passado, pois ela representa o caminho, a passagem do Iluminismo para uma profunda e renovada religiosidade que se viria a afirmar de forma contínua na vida da Igreja. Também com Görres se iniciou, assim se pode dizer, uma nova forma de debate sereno e objectivo das relações entre a Igreja renovada e o Estado moderno. O caso de Colónia, de que falaremos mais adiante, constituiu um exemplo flagrante desse conflito, acerca do qual Görres havia de formular princípios magistras que ultrapassariam a sua própria época.

Görres frequentou de 1786 a 1793 o colégio dos Padres Jesuítas onde foi discípulo de mestres imbuidos de ideias racionalistas que o marcaram profundamente.

A predilecção de Görres pela Medicina e pelas Ciências Naturais começou a manifestar-se desde muito cedo. Foi de forma autodidáctica que ele conseguiu uma formação muito razoável nesse domínio do saber.

A partir de 1792 começou a apaixonar-se pelo estudo das correntes revolucionárias que do centro alemão de Mogúncia irradiavam para Coblença e para outras partes da Alemanha. E por essa altura, precisamente, Görres rompia com a fé cristã que o acalentara desde a infância, e encetava um período novo da sua vida consagrado à publicação de trabalhos de carácter político [*Das Rohte Blatt; Rübzahl; Der allgemeine Friede* (1798)], onde campeavam o insulto e o escárnio das instituições da Igreja.

A par dessa actividade de escritor e dessa atitude combativa, uma enorme desilusão e um vazio imenso começavam a preocupar o seu espirito. A missão política que desempenhou em Paris de Novembro de 1799 a Março de 1800 marca o início dessa fase de cepticismo e de dúvida que, a partir de então, havia de caracterizar a sua vida. E assim, a pouco e pouco, se veio a afastar dos ideais revolucionários que, antes, tanto o tinham entusiasmado. Em 1802, entretanto, ainda recebia o seu grande amigo de juventude, C. Brentano, «insípido escarniador da religião», com o qual manteve diálogos apaixonantes e discussões acaloradas.

Por este tempo, era Görres professor de Ciências Naturais na escola secundária napoleónica de Coblença, onde se manteve até 1814.

Estamos precisamente, no período mais crítico da sua existência. É a época das grandes interrogações e das dúvidas mais sérias. A sua concepção do mundo e do homem (*Weltanschauung*) começa a sofrer uma lenta e radical evolução. Partindo de Kant percorreu um longo caminho,

passando pela filosofia natural de Schelling e por outras concepções ético-religiosas, que o conduziram ao magno problema da *Fé e da Ciência* que expôs profusamente em obra saída em Munique em 1805.

Longa e penosa é a caminhada dos grandes homens, constantemente insatisfeitos com as categorias mentais que vão assimilando, que depois criticarão com dureza e rejeitarão com firmeza, sempre em busca de novos horizontes e de respostas mais satisfatórias para os problemas agudos que os atormentam.

Durante bastante tempo, na peugada de J. G. Herder, foi descobrindo o mundo do misticismo que veio a colocar no centro do seu pensamento. A obra *Mythengeschichte der asiatischen Welt* em dois volumes (Heidelberg 1810) é o fruto desse trabalho de descoberta que tanto havia de impregnar a sua existência. Explorando os mitos asiáticos com as suas extraordinárias riquezas, o seu espírito ia penetrando e subindo às esferas superiores desse mundo irreal que o havia de arrastar e atrair a si.

Essa tendência para o misticismo foi singularmente marcante em J.-Michael Saller, o grande teólogo bávaro e professor das Universidades de Ingolstadt, de Dillingen e de Landshut, e autor de notáveis obras de espiritualidade e de piedade. O seu ensino opunha-se à *Vernunfttheologie* (teologia da razão), pois colocava a sua importância quase total no instinto primitivo religioso.

Uma permanência de dois anos em Heidelberg como professor livre (1806-1808) deu-lhe a possibilidade de entrar em contactos estreitos com o romantismo nascente e de, seguindo os estudos feitos por C. Brentano sobre a história antiga alemã, investigar e conhecer ao tempo tão agitadas e controversas tradições cristãs.

Em 1807 mandou baptizar os seus dois filhos e em Julho de 1808 era a vez do terceiro. E já que falamos deles, lembramos aqui em particular Guido Görres, nascido em Coblença em 1805 e que veio a morrer em Munique em 1852, poucos anos após seu pai. Com ele colaborou estreitamente, nomeadamente na publicação de trabalhos de carácter político. Consagrou as suas melhores forças à edição das *Historisch-politischen Blätter*, em que também participaram bastante W. von Kaulbach e Franz Graf von Pocci. Com este último editou o *Festkalender in Bildern und Liedern* (3 vols., Munique 1835-1839) e o *Deutsches Hausbuch* (Munique 1846-1848). Como poeta foi igualmente relevante a sua actividade: os *Marienlieder* (Munique 1843, 1853) e os *Geistliche Lieder* (Coblença 1845) são as mais famosas obras poéticas de Guido Görres, nas quais se nota a influência de C. M. Brentano, que lhe confluía a edição dos seus contos.

O regresso total e definitivo de Görres à Igreja só veio a verificar-se quando, após o fracasso das suas esperanças por ocasião das guerras da liberdade (*Rheinische Merkur* 1814-1816), a reacção prussiana o expulsou por causa do seu livro *Deutschland und die Revolution* (Coblença 1819), obrigando-o a viver como refugiado político em Estrasburgo francês (1819-1827).

Foi por essa altura que Görres se revelou como grande patriota, vindo a ser considerado como herói nacional. O jornal acima referido (*Rheinische*

Merkur), fundado por Görres, apareceu com grito de alarme do patriotismo alemão contra a dominação napoleónica.

2 — Ideais de restauração da Igreja

Em Estrasburgo tocaram-no as novas ideias da restauração da Igreja, de que J. de Maistre, L.-G.-A. de Bonald, e o movimento alsaciano de L.-E.-M. Bautain, de A. Räss e de N. Weiss se podem considerar principais fautores. Profeta da Contra-Revolução, de Maistre encontra a justificação providencial dos fundamentos eternos da sociedade na história das perturbações que tiveram lugar desde a Reforma protestante até à Revolução francesa, comenta De Sauvigny ⁽¹⁾. Tendo contactado bastante com a Cristandade ortodoxa, os seus pontos de vista, contudo, estiveram muito longe dum são ecumenismo. Escreveu: «a religião grega não é outra coisa senão o ódio de Roma». A obra principal de J. de Maistre é *Du Pape* (1817), livro bastante discutido pelas ideias que o seu autor nele perfilhava. Uma delas era que a infalibilidade pontificia devia ser considerada como o ponto de partida da restauração da ordem europeia.

Ao contrário da apologetica de Chateaubriand, toda ela caracterizada pelo sentimentalismo, a de L. de Bonald tomava a forma de raciocínios rigorosamente elaborados. Em todas as suas obras, desde a *Théorie du pouvoir politique et religieux dans la société civile* (1796) até às *Démonstrations philosophiques du principe de la société* (1830), ele colocava a tónica no aspecto social do Cristianismo. A religião é necessária à sociedade, porque fora dela não se pode encontrar a razão de ser de qualquer autoridade, dizia Bonald. Assim como a constituição perfeita da sociedade civil é a monarquia, assim o catolicismo é a forma perfeita da sociedade religiosa. Como comenta De Sauvigny, por uma estranha inconsequência, este géometra do raciocínio foi também o pai de uma doutrina, o *tradictionalismo*, que negava à razão individual a capacidade de chegar por si mesma à certeza.

A obra de L. Bautain é a única tentativa séria feita em França para seguir o exemplo dos teólogos católicos alemães. Embora muito combatido pela grande abertura de espírito que revelou em busca de novas soluções para a grave crise que a Igreja então atravessava, Bautain, na esteira de Lamennais e de outros, não desistia do seu desejo de impulsionar os estudos eclesiásticos dando-lhes novos horizontes. A criação da sociedade dos sacerdotes de S. Luís destinada a formar um clero mais instruído e mais aberto às necessidades do tempo foi uma das mais importantes realizações de Bautain. Em Roma, consegue que a igreja de S. Luís se torne numa casa de estudos (1838). A sociedade de S. Luís teve uma existência efé-

(1) G. DE BERTIER DE SAUVIGNY, *La restauration (1800-1848)*, in *Nouvelle Histoire de l'Eglise*, obra dir. por L.-J. ROGIER, R. AUBERT, M. D. KNOWLES, vol. IV, Paris, 1966, p. 423.

mera, mas mesmo assim foi grande o número de membros célebres que formou: Bonnechose, cardeal e arcebispo de Rouen; Ratisbonne, fundador dos Padres e das Irmãs de São; Gratry, restaurador do Oratório; Level, superior de S. Luís dos Franceses em Roma; e Maricourt, reitor das Faculdades católicas do Oeste, são alguns dos nomes mais famosos.

Ao contrário do que sucedia na Itália e na França, a concorrência com o ensino universitário fazia com que a docência da Teologia nos seminários diocesanos atingisse um nível bastante elevado. Assim, em Mogúncia, Bruno-Franz-Léopold-Liebermann, ajudado pelo seu discípulo Andréas Räs, autor dum célebre tratado *Lehrbuch der Dogmatik*, fez do seminário maior um centro notável de cultura; a revista *Der Katholik*, criada em 1821, foi o seu órgão de expressão. Em Münster e noutras cidades alemãs passou-se o mesmo: os seminários diocesanos eram focos extraordinários de estudo e de investigação.

Voltando a Görres e à sua passagem por Estrasburgo, devemos ainda dizer que além dos autores referidos que muito o influenciaram há também a acrescentar que foi aí que ele mais se embebeu da leitura da acima mencionada revista *Der Katholik*; do contacto com ela, Görres cada vez mais se convenceu que só na fé católica poderia resolver de uma vez para sempre as tremendas contradições que tanto o afligiam.

3 — Relações entre a Igreja e o Estado

Um aspecto importante da personalidade de Görres diz respeito à maneira clarividente como soube enfrentar as dificuldades resultantes dos atritos existentes (e com tendência para aumentar, entre a Igreja e os poderes do Estado), e como respondeu aos ataques que o liberalismo movia às ideias e à prática religiosas. A tese de Görres era que se deviam estabelecer acordos particulares entre a Igreja e os diversos Estados, tese essa que se apoiava na doutrina da «coordenação», a qual consistia no seguinte: para evitar atritos entre os dois poderes, o civil e o eclesiástico, havia que elaborar acordos concretos e limitados naqueles países onde se encontravam misturadas as diversas confissões religiosas e onde o direito civil de origem francesa tinha laicizado o Estado e a sociedade. As liberdades fundamentais da Igreja poderiam ser salvaguardadas por meio de acordos concretos e limitados e não pelo recurso aos imperativos abstratos do direito canónico. Assim, haveria a hipótese de reduzir os pontos de fricção entre o poder civil e o eclesiástico, como escreve De Sauvigny (2). E prossegue: os princípios do *josefismo* corroidos na prática recuariam a pouco e pouco diante dos da Igreja.

Mas, com receio de conceder demasiado à Igreja no campo dos princípios, a maior parte dos Estados alemães contentaram-se com acordos officiosos, sancionados apenas por Roma e pelas dioceses, onde outras disposições eram incluídas eventualmente em anexo. Só a Baviera é que recor-

(2) ID., *ibid.*, p. 364.

reu a forma mais solene da concordata, em cuja elaboração surgiram não poucos atritos, em que veio a intervir até o próprio Papa, Pio VII.

A subida ao trono de Luis I (1825-1848) da Baviera trouxe um espírito novo ao clima criado das relações da Igreja com o Estado. Como diz De Sauvigny, este príncipe brilhantemente dotado, mecenas faustoso das artes e das letras, tinha adoptado a concepção romântica segundo a qual o catolicismo era um elemento essencial da grande tradição germânica.

Para ministro dos cultos escolheu um conservador católico, Karl Abel, e soube fazer nomeações episcopais como melhor lhe convinha: o caso de Sailer para bispo de Ratisbona é um exemplo flagrante. Recebeu a mitra episcopal já na idade de 78 anos, o que significa que outras razões haveria para que tal assim acontecesse. Como escreve De Sauvigny, em Johann-Michael Sailer incarnou no princípio do século XIX tudo o que havia de mais original e de melhor no catolicismo bávaro. Foi professor de Teologia Moral e de Pastoral nas Universidades de Ingolstadt, de Dillingen e de Landshut, de 1799 a 1822, pelo que fácil é imaginar o grande número de sacerdotes que receberam a sua influência ao longo de tantos anos. Sailer evidenciou-se como notável pregador e grande escritor, sendo por muitos comparado a Francisco de Sales pelo facto de saber colocar ao alcance de todos as verdades mais sublimes do Cristianismo. Inclinado para o misticismo, Sailer revelou igualmente possuir um carácter bastante ecuménico. Sofreu a influência do pietismo protestante, da filosofia de Schelling, do pensamento de Schleiermacher e, por outro lado, a sua acção ultrapassou as próprias fronteiras da Igreja: não só os católicos como também os protestantes utilizavam os seus livros de orações e de meditação. Contava muitos amigos entre os protestantes.

Luis I dedicou uma atenção muito particular à restauração da Ordem Beneditina; em poucos anos, sete abadias foram restauradas, entre elas a de Ottobeuren. Mas não se pode esquecer igualmente o que foi a sua acção em favor de outras Ordens religiosas: os Carmelitas, os Redentoristas, os Capuchinhos, os Franciscanos, os Agostinhos e numerosas Congregações femininas puderam reabrir os seus conventos. Só os Jesuítas ficaram de fora.

Uma ambição que lhe era muito cara dizia respeito a fazer de Munique o centro intelectual e artístico do catolicismo alemão; assim se explica a transferência da Universidade de Landshut para aquela cidade, e a nomeação de eminentes professores para administrarem os seus cursos, como foi o caso de Görres e de Döllinger. A arte religiosa beneficiou igualmente muito da munificência de Luis I. Diz-se que ele lhe concedeu mais de oito milhões de marcos do seu fundo pessoal. Uma grande parte da legislação religiosa de Montgelas foi abolida ou caiu em desuso.

Em Munique Görres era considerado por todos com grande veneração e muito visitado por personalidades de todo o mundo. Entre estes, contam-se Ch. R.-F. Montalembert, H.-F.-R. de Lamennais, F. V. Eckstein e outros.

A revista *Eos* de Munique tornou-se então o órgão literário de Görres e do seu círculo.

4 — O caso de Colónia

O caso de Colónia foi o pretexto para a publicação da obra *Athanasius* (Regensburgo 1837), na qual é profusamente tratada a questão das relações entre a Igreja e o Estado, como ela então se punha. Devido às dificuldades surgidas entre a Igreja alemã e certos Estados alemães, apareceu em toda a Alemanha o chamado *catolicismo político* que foi uma espécie de reacção dos católicos contra a opressão dos burocratas alemães. Para esse despertar do *catolicismo político*, contribuiu antes de mais o conjunto de tribulações da Igreja na Prússia. As tentativas do governo prussiano para se imiscuir nos assuntos eclesiásticos, reagiram com certa dureza e determinação os papas Pio VIII e Gregório XVI. Em Colónia evidenciou-se como prelado corajoso e destemido Clemens-August von Droste zu Vischering que substituiu o arcebispo daquela diocese, Spiegel. Em 1834, o rei da Prússia, furioso, exigiu a demissão de Clemens-August e, como ele recusasse, mandou-o prender e levar para a fortaleza de Minden.

Mas a determinação régia não surtiu o seu efeito desejado. O regalismo político, tão do gosto dos governantes prussianos, encontrava pela frente fortes resistências. O rei Frederico-Guilherme não esperava certamente tamanha oposição por parte de Roma e do arcebispo de Colónia.

Gregório XVI lançou então um apelo à opinião pública mundial em que denunciava veementemente o maquiavelismo do governo prussiano e deplorava «a liberdade eclesiástica lesada, a dignidade episcopal infringida, a jurisdição sacra usurpada, os direitos da Igreja católica e da Santa Sé plisadas aos pés».

Seguindo a exposição de De Sauvigny, diremos em síntese que os católicos de toda a Alemanha se mobilizaram, animados com o panfleto de Görres, *Athanasius*; organizaram-se manifestações a favor do prisioneiro de Minden e contra os cônegos de Colónia que tinham tido a fraqueza de renegar o seu prelado (3).

Na Silésia, onde o clero se tinha colocado inteiramente às ordens do governo, despertou também um extraordinário espírito de resistência. O bispo de Posen, Dunin, ameaçou de suspensão os párocos que celebrassem casamentos mistos sem as garantias canônicas, o que lhe veio a merecer a ordem de prisão. A esta afronta contra a liberdade religiosa reagiram os católicos de todo o mundo violentamente; dos Estados Unidos, mais precisamente do concílio de Baltimore, em 1840, foi enviada aos dois confessores da fé a expressão da sua grande admiração pela coragem manifestada.

Com a subida ao trono do novo monarca, Frederico-Guilherme IV, em 1840, assistiu-se a uma reviravolta total na política religiosa prussiana. Generoso e liberal, mandou logo sair da prisão os dois prelados e manifestou o seu desejo de reconciliação. Uma convenção de Setembro de 1841 concedeu à Igreja as principais reivindicações por esta apresentadas; o rei, além disso, criou no ministério um departamento católico (*Katholische Abteilung*)

(3) ID., *ibid.*, pp. 371-372

composto por funcionários católicos, o qual ficava encarregado de administrar os assuntos eclesiásticos. A inauguração solene da catedral de Colónia, completada graças ao contributo dos católicos de toda a Alemanha, cerimónia à qual assistiram lado a lado Frederico-Guilherme IV e o chanceler austriaco Metternich (4 de Setembro de 1842), apareceu como o símbolo da nova era que se abria nas relações da Igreja com o Estado.

É prossegue De Sauvigny, referindo-se ao caminho percorrido desde 1815 pela Igreja católica alemã: «em face das Igrejas protestantes tiranizadas por burocratas, esparteladas entre as correntes contraditórias do despertar pietista, da ortodoxia conservadora e do liberalismo racionalista, o catolicismo manifestava, na sua vitalidade, na sua coesão doutrinal, na sua independência sempre maior, as vantagens da sua direcção centralizada. Graças à firmeza da Santa Sé, à sua diplomacia perseverante e suave, a Igreja tinha conseguido apagar em grande parte os desastres da época revolucionária e vencer os perigos do estatismo e do particularismo religioso» (4).

5 — O pensamento católico entre 1800 e 1846

Quando se fala de Görres, não se pode deixar de referir, mesmo ao de leve, o que foi e o que significou o pensamento católico entre 1800 e 1846.

Em princípios do séc. XIX tudo favorecia um renascimento intelectual. Após vinte anos de agitações guerreiras, surgira de novo a paz e com ela a possibilidade de estabelecer contactos entre os diversos sectores nacionais do Ocidente e a ruptura dos antigos quadros sociais, o que estimulava o desenvolvimento das energias individuais, a liberdade de pensamento e de expressão assegurada, na medida em que triunfavam nos Estados os princípios de 1789, o progresso das técnicas de comunicação do pensamento, etc., na síntese apresentada por De Sauvigny.

Mas, deve sublinhar-se, toda esta imensa fermentação desenvolve-se à margem da Igreja católica. A participação dos homens da Igreja e das suas instituições na evolução das ciências humanas é francamente débil. Opera-se uma separação entre a sociedade eclesiástica e a sociedade civil laicizada; a inteligência católica retira-se da corrente geral dos acontecimentos e concentra-se sobre si mesma; procura-se, antes de tudo, a defesa e a transmissão da doutrina revelada sem dar atenção à inserção na vida e à assimilação numa síntese superior de todas as aquisições do seu espírito.

A atmosfera romântica que dominava no início do século passado contribuiu em larga medida para o anti-intelectualismo que então se fez sentir. No séc. XVIII a grande ofensiva contra a religião tinha sido conduzida em nome da razão; agora descobria-se o poder do sentimento, da intuição. Os defensores da fé viam aproximar-se deles muitas almas decepcionadas pela «filosofia das luzes». Por isso, as dúvidas da fé, em vez de

(4) ID., *ibid.*, p. 372.

serem um obstáculo, tornavam-se um atractivo suplementar. Chateaubriand dizia que «não há nada de belo, de doce, de grande, na vida: a não ser as coisas misteriosas»; e Schleiermacher escrevia: «A minha religião é toda ela religião do coração; não há em mim lugar para outra». A fé, tomada numa perspectiva sentimental, bastava para tudo explicar; assim se compreende que na produção religiosa da época fosse a apologética que dominava, «ingenhosa, brilhante, multiforme, emotiva sobretudo, mas à qual faltam muitas vezes bases científicas».

A Bíblia passou a ser objecto de forte contestação devido ao facto das conquistas da geologia e da astronomia que punham em questão a cosmogonia do Génesis; das ciências naturais que inspiravam o evolucionismo de precursos de Darwin, João-Baptista de Lamarck; da egiptologia que contradizia a cronologia mosaica; do orientalismo que sugeria semelhanças extraordinárias com os mitos das religiões antigas do Próximo Oriente.

Ao mesmo tempo, formava-se aquele corpo de doutrinas filosóficas que haviam de conduzir ao «humanismo ateu», servindo-nos da expressão de Lubac. O idealismo kantiano resultava no idealismo de Heguel, em que a realidade sobrenatural ficava reduzida a não ser nada mais senão um momento de marcha evolutiva dum Deus-Natureza. Daí resultariam o materialismo brutal de Feuerbach para o qual Deus não era senão um produto das tendências egoísticas do homem, e o positivismo de Comte, que eliminava radicalmente a inquietação religiosa, explicando-a como a característica dum estágio histórico ultrapassado.

A teologia católica em face dessas correntes de pensamento, volta as costas à tradição mais autêntica, aos autores escolásticos medievais, procurando inspirar-se nos filósofos modernos. Descartes, Locke, Condillac, Malebranche, Bonald e Lamennais são bastante seguidos por diversos sectores da sociedade católica. Isto em França. Na Alemanha vemos Hermes procurando reconstruir uma teologia a partir de Kant e de Fichte, Dobmaier, e Sailer a partir de Schelling, Möhler de Hegel e de Schleiermacher. Como diz De Sauvigny, quando seria necessário estabelecer uma base racional comum e firme, sucede que o pensamento cristão se perde em todas as direcções (5).

O que não significa que o tomismo tivesse sido totalmente rejeitado. Em Mogúncia, na Bélgica e em Espanha a *Summa Theologica* continuava a fornecer a base do ensino filosófico e teológico. Embora, a mentalidade tradicionalista e o romantismo, conduzindo os espíritos para a Idade Média, dessem fazer ressurgir o tomismo, tal de facto não veio a suceder. A não ser em Plaisance, no colégio Alberoni, onde o entusiasmo do lazarista Buzzetti fez com que se desse início a um renascimento escolástico, nomeadamente tomista, que se veio a difundir por toda a Igreja universal; nessa obra de renovação desempenharam um papel relevante Taparelli e os irmãos Sordi que depois entraram para a Companhia de Jesus. A partir de 1850

(5) ID., *ibid.*, p. 412.

com efeito, o movimento tomista atingiu notáveis proporções, fazendo sentir a sua acção também em Portugal (6).

As especulações teológicas gravitavam à volta das relações entre a ordem sobrenatural, problema que o racionalismo levantara. No seu aspecto teórico, era a questão entre a razão e a fé; no seu aspecto prático, era a das relações entre a Igreja e o Estado.

Na teologia moral assiste-se a um recuo do rigorismo jansenista. Em 1803, Pio VII aprovava solenemente os princípios mais humanos de S. Afonso Maria de Ligório, cuja doutrina se espalhou rapidamente pela Itália, pela Alemanha e pela Bélgica, graças à acção dos Redentoristas e depois dos Jesuítas.

Se perguntarmos agora qual o contributo intelectual trazido pelas diversas regiões da catolicidade, facilmente se conclui que o primeiro lugar pertenceu à Alemanha. «O seu trabalho assíduo e por vezes audacioso tentou pôr ao serviço do dogma católico as duas correntes que dominavam o mundo universitário: o da filosofia idealista e o da ciência histórica», diz De Sauvigny.

O referido autor aponta alguns factores que ajudam a compreender essa extraordinária fecundidade do pensamento teológico alemão. Em primeiro lugar, merece ser referida a emulação entre os pequenos soberanos, o que proporciona o aparecimento dum grande número de centros culturais, de que as Universidades são as peças fundamentais. Conservam-se, assim, as universidades eclesiásticas de Eriburgo, de Würzburg e de Münster, e a de Landshut passa para Munique. São criadas faculdades teológicas católicas nas Universidades protestantes de Tübingen, de Bona, de Breslau e de Giessen. Embora os bispos deplorem que os aspirantes ao sacerdócio sigam os cursos de professores protestantes e ateus, o que é certo é que este contacto é estimulante para os professores católicos.

Como já se viu atrás, os seminários diocesanos alemães, ao contrário dos franceses, são fortemente estimulados pela concorrência universitária, o que impede que se caia na preguiça intelectual.

6 — O movimento romântico

Outro factor favorável é o movimento romântico. A nova escola literária e artística, reagindo contra a *Aufklärung* de importação francesa, volta-se para a Idade Média e aí descobre o catolicismo como uma fonte preciosa de poesia e de estética, como uma expressão autêntica da alma germânica, diz De Sauvigny. O romantismo traz um contributo positivo à construção teológica; graças a ele, reconhecem-se melhor os valores místicos do pensamento e a história redescobre as riquezas da tradição.

De considerar também que o pensamento católico foi bastante estimulado pela extraordinária fecundidade intelectual do protestantismo alemão

(6) M. A. RODRIGUES, *O ensino de S. Tomás na Universidade de Coimbra*, in «Didaskalia» vol. IV (1974), pp. 297-320.

desta época. Mais livres e abertos que os seus colegas católicos, os protestantes tentavam conciliar a doutrina tradicional com tudo aquilo que de novo e revolucionário traziam as filosofias modernas, o progresso das ciências históricas e os métodos filológicos.

Merece ser referido, em especial, Frederico Schleiermacher (1796-1839), professor da Universidade de Berlim, cuja obra *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt*, («Exposição metódica da Fé cristã segundo os princípios da Igreja dos Evangelhos», segundo a versão francesa), é considerada como a contribuição mais importante dada à teologia protestante depois da «Instituição» de Calvino.

Além de Schleiermacher, deve também mencionar-se o seu discípulo J.-A. Neander, judeu convertido, professor igualmente na Universidade de Berlim da disciplina de História da Igreja.

Mas não foi só em Berlim que floresceu com grande fulgor a teologia protestante. Na Universidade de Erlangen existiu também um centro notável da teologia protestante, sendo a figura de Adolf von Harless (1806-1879) quem tentou integrar o pietismo na doutrina luterana demasiado racionalizada no séc. XVIII.

No domínio dos estudos bíblicos, são de salientar os trabalhos de restituição dos textos primitivos, a que a descoberta, em 1846, do famoso *Codex Sinaiticus* por Tischendorf emprestou um contributo enorme.

Os métodos da crítica histórica defendidos por Ranke e pela sua escola foram aplicados aos dois Testamentos, tendo como resultado que se pôs em dúvida toda a série de posições tradicionais. A «Vida de Jesus» de David-Frederico Strauss (1835) e a tentativa de F.-Ch. Baur de aplicar às origens da Igreja a tese hegeliana são outros aspectos dignos de menção no que toca à riqueza criativa da teologia protestante da época.

7 — As escolas de Tübingen e Munique

Já vimos atrás que a tendência mística se manifestou particularmente actuante com J.-M. Saller, cuja reacção contra a *Vernunfttheologie* foi enorme.

Também na escola de Tübingen se notou nessa altura a preocupação de integrar a teologia na vida. Aí, contudo, era o sentido histórico que dominava, orientando os estudos e as investigações teológicas para um melhor conhecimento da tradição patristica e escolástica. O fundador da escola de Tübingen foi J.-Sebastião Drey, mas a grande figura que havia de se impor era indiscutivelmente J.-Adam Möhler, cuja obra principal, *Symbolik* (1832), era um estudo comparativo das doutrinas católicas e protestantes sobre a Igreja. Antes de ser uma filosofia, o Cristianismo era uma doutrina de salvação; do estudo da tradição concluía-se para a necessidade da unidade visível da Igreja e do primado de Roma. A partir disso, viria a resultar uma eclesiologia nova, cuja problemática geral provocou muitas conversões de protestantes.

A escola de Munique foi dominada pela personalidade de Görres, o qual, regressado ao catolicismo, colocou todas as suas forças e talento ao serviço da Igreja. Luís I da Baviera convidou-o em 1827 para professor da Universidade de Munique na disciplina de História. Começando a evidenciar as suas brilhantes qualidades de investigador e de mestre, logo à sua volta se viriam congregar os melhores poetas, artistas, juristas e teólogos de toda a Alemanha. O período mais fecundo deste foco de cultura dirigido por Görres situou-se entre 1830 e 1840. Por outro lado, o seu jornal *Historischpolitische Blätter* convidava os católicos alemães a lutar tenazmente contra a opressão dos poderes civis.

E já que falamos da Universidade de Munique, não podemos omitir o nome de Döllinger que, em 1826, iniciava a sua carreira naquela escola superior. Algumas das suas obras, como *A Eucaristia nos três primeiros séculos*, a sua *História da Igreja* (1836) e a sua *História da Reforma Protestante* (1846-1848) grangearam-lhe uma reputação enorme de grande mestre e conhecedor de história.

Este período brilhante da cultura católica na Alemanha teve, contudo, alguns aspectos obscuros. Refira-se, a título de exemplo, o caso de G. Hermes, professor de Teologia em Bona, que impressionado pela leitura de Kant e de Fichte, tentou colocar a filosofia desses dois grandes pensadores ao serviço da fé. O *hermesianismo* teve grande sucesso nessa altura, sendo favorecido pelo rei da Prússia, pelo que veio a ser ensinado em cerca de vinte cadeiras de Teologia de Universidades alemãs. A Santa Sé reagiu duramente condenando a doutrina de Hermes por meio de um «Breve», datado de 26 de Setembro de 1835, que o arcebispo de Colónia, Spiegel, só promulgou cerca de oito meses mais tarde por se ter feito adepto do hermesianismo. Com o seu sucessor, Droste-Vischerling, as coisas foram repostas no seu devido lugar, até porque a sua oposição contra o Estado prussiano era muito grande.

Mas, apesar daquela condenação do hermesianismo, a tentação de reduzir a termos racionais o conteúdo da Revelação continuou a verificar-se na teologia alemã. Foi ainda o caso de Anton Günther que procurou imprimir à teologia um carácter científico. A obra de Günther conheceu também inúmeras adesões, e ao mesmo tempo não poucas oposições, até que em 1857 a Santa Sé a veio a condenar como já acontecera com Hermes.

Antes de terminarmos estas breves considerações sobre Görres e a sua época, vejamos ainda mais alguns pormenores relativos ao despertar de forças espirituais da Igreja na primeira metade do séc. XIX. Como diz De Sauvigny, por paradoxal que pareça no momento em que a sociedade civil parece separar-se da Igreja, no momento em que a incredulidade militante manca pontos, em que ela começa a descer das elites às massas, precisamente nesse momento pôs-se em marcha uma contra-corrente poderosa que infligirá o mais pesado desmentido aos profetas malévolos que pensavam poder relegar já a fé cristã para o museu das sobrevivências folclóricas. E prossegue mais adiante o mesmo autor: as perturbações revolucionárias, a angústia que se apodera das almas perante o desabamento dos quadros familiares e tranquilizadores, os esforços concertados

dos governos conservadores, a atmosfera romântica, estas explicações podem satisfazer uma sociologia positiva, mas elas parecerão sempre insuficientes aos olhos dum cristão.

Para já, apontemos alguns dos factores que contribuíram para impulsionar o movimento do despertar das energias eclesiásticas que se manifestaram extraordinariamente naquele período: aprofundamento dos quadros eclesiásticos, zelo novo no clero, despertar dos leigos para uma fé mais activa, conversões de acatólicos e de ateus célebres, multiplicação das obras de caridade e do ensino, confrarias piedosas, congregações religiosas, ardor da piedade, expansão missionária, etc.

8 — A espiritualidade alemã no séc. XIX

Fixemo-nos por instantes no movimento que conduziu ao Cristianismo uma parte da elite que o racionalismo do séc. XVIII dele tinha separado.

Quer em França quer na Alemanha, um factor que teve enorme interesse no despertar das forças espirituais foi o romantismo com tudo aquilo que encerrava no campo religioso. As amarguras sofridas pelas vicissitudes da época, os homens respondiam em não poucos casos com o recurso às consolações que o contacto com o Evangelho proporcionava. Frutos amargos haviam trazido a incredulidade voltaireana e a imoralidade elegante. O clero fiel tinha dado exemplos de heroísmo admiráveis; a apologia do *Génio do Cristianismo*, as obras de Bonald, de Maistre e de outros, a política dos Bourbons renovados, etc., foram elementos importantes desse despertar de forças espirituais.

Mais concretamente na Alemanha, verificou-se um movimento paralelo, em que a vaga romântica e nacionalista sobressalou como factor de relevância a todos os títulos notável. E que assim se esconjurava a influência francesa do «voltairismo» que tinha exercido uma acção terrivelmente prejudicial. Reagiu-se violentamente contra a irreligiosidade dos soldados da Revolução e de Napoleão. Muitos protestantes ilustres converteram-se à Igreja católica, como foi o caso das famílias principescas como Adolfo-Frederico de Mecklemburgo-Schwerin, Frederico e Fernando de Coburg-Gotha, de nobres de segunda categoria como Frederico von Stolberg, Frederico von Senft-Pilsach, de escritores como Adam Müller, Frederico von Schlegel, J. Görres, de artistas como Elnkowström e Overbeck. De Sauvigny apresenta a propósito o testemunho de Haller numa carta escrita a seus pais em 1821 na qual lhes declarava o seu regresso à Igreja: «Vislumbrei com a maior evidência (...) que a revolução do séc. XVI, a que chamamos Reforma, é, na sua origem, nos seus meios e nos seus resultados, a imagem perfeita e o precursor da política dos nossos dias».

Para outros, foi o romantismo e a admiração da civilização medieval que deu o impulso decisivo para esse despertar de energias que então se verificou.

Houve também, não se pode esquecer, aqueles que se converteram por motivos puramente teológicos e religiosos, como foi o caso de Newman e de seus amigos.

Mas as conversões para o seio da Igreja católica não eram apenas de ordem estatística, porque esses convertidos, diz De Sauvigny, almas de elite em geral, traziam consigo preocupações do seu meio de origem e conservavam vínculos que eram de molde a enriquecer as perspectivas do catolicismo.

Isto não significa que não tivesse havido, evidentemente, também casos de conversão ao protestantismo.

Os que davam a sua adesão à Igreja não se ficavam apenas no plano teórico da sua fé. Não, esta não apareceu desligada das obras. Eles souberam dar às suas responsabilidades sociais novos horizontes de acordo com as suas convicções religiosas acabadas de serem recebidas. Como diz De Sauvigny, uma das melhores notas da época foi o aparecimento de uma acção católica dos leigos ao lado da do clero. Além de Görres e do seu círculo, cujo âmbito se circunscreveu ao domínio intelectual, deve mencionar-se ainda o de Münster, fundado em 1800 à volta da princesa Galitzine, e do qual fizeram parte eclesiásticos como Francisco de Fürstenberg e Bernardo Overberg, e leigos como Stolberg.

E podíamos adiantar mais com Meródio na Bélgica, Azeglio no Piemonte, e Lord Shrewsbury e Ambrósio Filipe na Inglaterra.

Fixando a nossa atenção mais no que se relacionou com Görres e a sua actividade, digamos também uma palavra acerca da espiritualidade que inspirou aqueles generosos católicos do séc. XIX.

Nota-se nas suas obras o pessimismo jansenista que, no plano prático, se traduziu por uma moral rigorista que levava a dar uma importância excessiva a práticas como as do jejum e da abstinência e a um afastamento exagerado da recepção dos sacramentos, por reverência para com os mesmos. Embora aqui se verificasse simultaneamente uma reacção do catolicismo italiano e de outros sectores da vida da Igreja. Os Padres Cottolengo e Gerbert exerceram uma acção notável para debelar essa deformação religiosa. Quanto ao rigorismo jansenista, este cedeu bastante diante do progresso da Moral de S. Afonso de Ligório e da posição dos Jesuítas quanto às ideias vindas de Port-Royal.

Uma outra influência muito sensível foi a do romantismo que se fez sentir de forma decisiva na piedade cristã, nas devoções e na liturgia. Também se reflectiu numa simpatia especial que se verificou quanto a tudo aquilo que tinha sabor a misterioso e a maravilhoso. Aparições, revelações, milagres, etc. atraem a si a curiosidade de muitos. Os mais esclarecidos são sensibilizados pelas manifestações sobrenaturais. Görres, por exemplo, consagra a este tema séries de lições, publicadas depois em quatro volumes sob o título de *Christliche Mystik* (1836-1842). Newman recolhe com certa avidez os oráculos de uma religiosa polaca exilada em Roma; os milagres atribuídos ao príncipe Hohenlohe fazem acorrer as multidões; Clemens Brentano faz-se intérprete das visões fantásticas da estigmatizada Catarina Emmerich.

Nota-se neste tempo um interesse especial pela devoção dolorista intimista, sentimental, que veio a encontrar uma expressão favorita no culto ao Sagrado Coração de Jesus.

E o mesmo se diga do culto ao Coração de Maria. Mas estas formas de devoção nem sempre contribuíram para uma melhor inteligência do culto público, da oração oficial da Igreja. Depois haviam de aparecer célebres renovadores da Liturgia, como D. Guéranger.

Outros aspectos que mereciam ser tratados em pormenor dizem respeito às tendências unionistas que então se manifestaram e à obra missionária realizada pela Igreja. Mas porque se afastam do âmbito geral deste trabalho não os iremos aprofundar.

9 — A Görresgesellschaft

A Görresgesellschaft foi criada em 1876, por ocasião do 1.º centenário do nascimento de J. V. Görres, para celebrar a memória desta grande figura do pensamento alemão. A iniciativa ficou a dever-se a G. V. Hertling e a um grupo de intelectuais católicos como reacção e afirmação perante o «Kulturkampf».

Reúne hoje cerca de 3.000 membros e é seu presidente o Prof. Dr. Paul Mikat. A sua sede é em Colónia.

A Görresgesellschaft propõe-se promover a investigação científica, sobretudo através da edição de obras de notável importância; incentivar a cooperação internacional nos domínios da ciência e da cultura; e proporcionar às camadas mais jovens as condições necessárias para a realização de trabalhos de investigação.

Em 1941 a Görresgesellschaft foi proibida pelo Nacional-Socialismo, vindo depois a retomar as suas actividades.

Actualmente são doze as secções por que se distribuem as actividades científicas e culturais da Sociedade de Görres: Filosofia, Pedagogia, Psicologia e Psicoterapia, História, Arqueologia, Linguística e Literatura, Oriente Cristão, Direito e Ciências Políticas, Ciências Económicas e Sociais, Arte, Folclore, Ciências Naturais e Técnica, Ciência Política e Sociologia.

A Teologia não figura como secção autónoma, embora seja bastante fomentado o estudo e a investigação no domínio das suas disciplinas históricas.

Em 1957 foi criado o Instituto Internacional para o diálogo e aproximação entre as Ciências Naturais e a Fé.

Existem como ramos da Görresgesellschaft no estrangeiro os Institutos de Roma, de Madrid, de Lisboa e de Jerusalém. No de Lisboa trabalha-se num projecto de investigação sobre o Padre António Vieira, sob a direcção do Prof. Dr. Hans Flasche, sobre o que já foram publicados alguns volumes de grande valor. A Biblioteca do Instituto encerra cerca de 10.000 volumes, em particular dos sécs. XVI-XVII. Merece uma referência especial o catálogo dos manuscritos e das obras do Padre António Vieira existentes em Portugal.

De referir ainda a existência do Instituto para Investigações Interdisciplinares (Ciências, Filosofia e Teologia).

Entre as publicações da Görresgesellschaft, destacam-se: revistas — *Philosophisches Jahrbuch*, *Historisches Jahrbuch*, *Literaturwissenschaft-Jahrbuch*, *Kunstwissenschaft Jahrbuch*, *Volk und Volkstum Jahrbuch für Volkskunde*, *Jahrbuch für Psychologie und Psychotherapie*, *Römische Quartalschrift*, *Oriens Christianus*, *Kirchenmusikalisches Jahrbuch*; publicações — *Staatslexikon*, *Concilium Tridentinum*, *Quellen und Forschungen aus dem Gebiete der Geschichte*, *Studien zur Geschichte und Kultur des Altertums*, *Veröffentlichungen zur Kirchen- und Papstgeschichte der Neuzeit*; *Veröffentlichungen der Sektion für Rechts- und Staatswissenschaft*, *Veröffentlichungen der Sektion für Sozial- und Wirtschaftswissenschaft*, *Gesamtausgabe der Schriften von J. J. V. Görres*, *Vatikanische Quellen*, *Nuntiaturberichte aus Deutschland*, *Veröffentlichungen des Instituts Für interdisziplinäre Forschung (Naturwissenschaft — Philosophie — Theologie)*, *Die Görres-Gesellschaft 1876-1941*, *Spanische Forschungen*; e *Portugiesische Forschungen*, dirigida por Hans Flasche, que se divide em três secções: Estudos sobre a História da Cultura Portuguesa, Monografias e Estudos sobre o Padre António Vieira e a sua obra. Sobre cada uma delas, têm sido publicadas obras de extraordinária importância e alto merecimento.

Manuel Augusto Rodrigues

OBRAS DE GÖRRES: *Politische Schriften*, 6 vols., Munique, 1854-1860; *Gesammelte Briefe*, 3 vols., Munique, 1858-1864; *Die christliche Mystik*, 5 vols., Ratisbona-Ladshut, 1836-1842. Nova ed. das obras de Görres, dirig. por W. SCHELLBERG — A. DYROFF, contin. por L. JUST, Colónia, 1926 ss.

BIBLIOGRAFIA: *Sobre Görres* — H. GRAUERT, *Görres in Strassburg*, Colónia, 1910; A. SCHNÜTGEN, *Das Erlang und die Erneuerung des katholischen Lebens in Deutschland von 1814-48*, Estrasburgo, 1913; H. GRAUERT, *Graf J. de Maistre U. J. Görres vor 100 Jahren*, Colónia, 1922; R. REISSE, *Die weltanschauliche Entwicklung des jungen J. Görres*, Breslau, 1926; K. A. V. MÜLLER, *Görres in Strassburg 1819-20*, Estrasburgo, 1926; S. MERKLE, *Zu Görres theologischen Arbeit am «Katholik»*, in «Görres-Festschrift», Colónia, 1926, pp. 151-191; A. DEMPFF, *Görres spricht zu unserer Zeit*, Friburgo I. B., 1933; W. SCHELLBERGER, *Joseph von Görres*, Colónia, 1926; A. SCHORN, *Görres religiöse Entwicklung*, Colónia, 1929; R. STEIN, *25 Jahre Görres-Schriftum 1911-36*, in «Jahresbuch der Görres-Gesellschaft» 1938, Colónia, 1939; V. WALTER, *Die christliche Mystik von J. Görres in ihrem Zusammenhang mit der wissenschaftlichen Romantik*, Munique, 1957; G. BÜRKE, *J. von Görres, Geist U. Geschichte*. Einsiedeln,

1957; ID., *Von Mythos zur Mystik. J. von Görres's mystische Lehre U. die romantische Naturphilosophie*, Einsiedeln, 1958; R. HABEL, *Joseph Görres, Studien über den Zusammenhang von Natur Geschichte und Mythos in seinen Schriften*, Wiesbaden, 1962.

Sobre a Görresgesellschaft: H. FINKE, *Internationale Wissenschaften-Beziehungen der Görres-Gesellschaft*, in «Jahresbericht» 1931, Colônia, 1932, pp. 1-38; ID., *Gründung, Entwicklung u. Erfolge der Görresgesellschaft*, in «Jahresbericht» 1937, Colônia, 1938, pp. 68-73; A. ALLGEIER, *Geschichtlicher Rückblick*, ibid., pp. 1-62; J. SPÖRL; *Volk und Kirche*, Essen, 1935, pp. 192 ss.; W. SPAEL, *Die Görres-Gesellschaft 1876-1941*, Paderborn, 1957; J. BACELAR E OLIVEIRA, in «Brotéria», 74 (1962) 430-438, que é membro da Junta Consultiva e tem escrito na «Revista Portuguesa de Filosofia», regularmente, crônicas sobre as assembleias anuais da Görresgesellschaft); D. MAURICIO DOS SANTOS, in «Brotéria», vol. e ano cit., pp. 706-708.

227
 212
 ———
 15
 2

